

MAGAZINE DIGITAL

OBJECTIVA

BARREIRO

Nº3 ABRIL 2011

BARREIRO A Revolução de Abril

A Revolução de Abril pôs fim à ditadura fascista e à guerra colonial, restituiu a liberdade aos portugueses, consagrou direitos essenciais dos trabalhadores e dos cidadãos, promoveu mudanças positivas nos valores e mentalidades, impulsionou transformações económicas e sociais progressistas, abriu caminho à construção de um Portugal democrático.

WWW.BARREIROWEB.COM

OBJECTIVA

Revista digital de opinião
e História Local

Edição digital com publicação
bimestral de distribuição
gratuita e subscrição

Edição
www.barreiroweb.com

BARREIRO

Nº3
Abril 2011

Editor
José Encarnação

Redacção:

Armando Teixeira
Carlos Alberto (Carló)
Nuno Soares
Dulce Reis
Frederico Tavares
José Encarnação
Nuno Ferreira

Montagem e
Fotografias

José Encarnação

Contactos:
Barreiroweb@barreiroweb.com

Nº3

Abril 2011

Temas

BARREIRO A REVOLUÇÃO DE ABRIL

José Encarnação.... 3

Alfredo Matos.... 4

Nuno Soares 7

Carlos Alberto (Carló) 8

Armando Teixeira 10

Gravuras.... 12

Dulce Reis 14

Frederico Tavares 16

Nuno Ferreira 18





Barreiro a Revolução de Abril

Comemorou-se, o centenário da Instauração da República em Portugal.

No âmbito dessas comemorações foram desenvolvidas algumas pesquisas no sentido de encontrar referências históricas a pessoas, locais e acontecimentos ocorridos no Barreiro, há cem anos atrás.

Tal pesquisa revelou-se insuficiente, pois apesar de se saber que o Barreiro contribuiu de forma importante para aquele evento, havia pouca informação escrita, especificamente relacionada com a cidade, as suas gentes e o seu papel na implantação da República.

Comemora-se agora o 37º aniversário da Revolução de Abril.

A data é comemorada pelo País todo, mas, tal como em 1910, o Barreiro, o seu povo, participou activamente, quer na preparação da Revolução, quer nos dias seguintes, em inúmeros acontecimentos rela-

cionados com a implantação da Democracia no País.

É notório que muitas pessoas esqueceram já os acontecimentos, e que muitos jovens não têm sequer a noção do que se passou naquela época em Portugal, não adquirindo qualquer consciência da forte mudança que representou para o País, o estabelecimento de um regime democrático como o nosso, aquele em que os jovens nasceram.

Estes factos levaram-nos a reflectir sobre a possibilidade de, dentro de poucos anos, já nada restar, à semelhança do que aconteceu com a Revolução de 1910, sobre a história da Revolução de Abril no Barreiro.

Muitos dos protagonistas da Revolução estão ainda vivos e podem transmitir os sentimentos, os acontecimentos, em que participaram e com que contribuíram para a revolução.

Antes que a memória de Abril se apague, é necessário escrevê-la

para o futuro,

anotando e registando, pedaços de memórias, de histórias e relatos de como foi o 25 de Abril no Barreiro, quem foram, quem são, os homens e mulheres do Barreiro que participaram na construção da Revolução de Abril.

Para o País, esta Revolução pôs fim à ditadura fascista e à guerra colonial Restituiu a liberdade aos Portugueses, consagrou direitos essenciais dos trabalhadores e dos cidadãos, promoveu mudanças positivas nos valores e mentalidades, impulsionou transformações económicas e sociais progressistas, abriu caminho à construção de um Portugal democrático.

Por isso se regista aqui e agora, a história de há 37 anos, para que perdure no futuro, a memória do 25 de Abril de 1974.

**O Editor,
José Encarnação**



27 de Abril de 1974, sábado. no Parque, junto à Estátua.....

A luta contra o regime fascista que muitos, embalados no processo de branqueamento em curso, apelidam de Estado Novo e que durou 48 anos foi árdua e carregada de sofrimento, embora, bem no fundo de cada um de nós, existisse, como pano de fundo, um horizonte de esperança. como pano de fundo, havia um horizonte de esperança.

Muitos barreirenses estiveram nos inúmeros combates em busca da democracia.

Os que, na rua, em acções múltiplas, clandestinas ou às claras, lutaram contra o regime. Os que, com a CDE – Comissão Democrática Eleitoral, participaram, em 1969, no II Congresso da Oposição Democrática e nas eleições que ficaram célebres, em que os candidatos da CDE, nas urnas, em todas as freguesias do concelho – Barreiro, Lavradio e

Palhais – derrotaram o partido do regime – a União Nacional. Os que, em 1970, no 1º de Maio, enfrentaram nas ruas a polícia de choque e a GNR e, a 3 de Maio, foram levados pela PIDE para os calaboiços da cadeia do Porto. Os que, Em 1973, Abril, participaram no III Congresso da Oposição, em Aveiro, e, em Outubro, na dura batalha eleitoral contra a União Nacional fascista.

Foram tempos exaltantes que então viveram, os que, no dia 25 de Abril de 1974, 5ª feira, ao fim da tarde, no Largo do Casal, promoveram o primeiro comício; os que, no dia 26, 6ª feira, no Cineclube, realizaram uma reunião com a participação de lutadores clandestinos; os que, no dia 27 de Abril de 1974, no sábado, no Parque, junto à Estátua, promoveram uma grande concentração seguida de comício que esta foto regista.

Em nome do Movimento Democrático, usámos então da palavra. Eis o que foi dito:

Amigos, Companheiros, Cidadãos do meu País!

Hoje, ontem, temos vivido as horas mais belas da nossa vida. Pela primeira vez em quarenta e oito anos podemos manifestar-nos livremente. A maioria de nós nunca viveu em Liberdade. Nunca soube o que era ser livre. Nunca sentiu este momento grandioso da nossa história.

Muitos de nós, os mais descrentes diziam até «Ah! Isto não muda. Nasceremos assim e morreremos assim». Mas mudou! Mudou nos nossos dias! Que alegria nos invade! Especialmente aqueles que sofreram na carne as brutalidades o Regime que acaba de ser derrubado.

- O caminho para esta acção militar

tem vindo a ser aberto por todo o povo.

- São os trabalhadores através das suas lutas de protesto com greves frequentes contra a subida dos preços e por aumentos de salários.

- São os estudantes que se manifestam e fazem frente à polícia de choque e aos cães.

- São os democratas integrados nos seus movimentos que por todo o País vêm impondo a sua actividade à luz do dia, apesar das prisões frequentes de dezenas dos seus membros.

- São os patriotas que na clandestinidade há longos anos têm denunciado os crimes do regime salazarista e marcelista, com o sacrifício dos seus dirigentes muitos dos quais passaram dezenas de anos de prisão e foram barbaramente torturados pela PIDE.

-São os amigos católicos que têm vindo a denunciar abertamente os aspectos desumanos do regime.

- São os jovens que cada vez mais se têm vindo a lutar contra uma guerra que não é sua.

- São os sindicatos, parte dos quais ocupados pelos trabalhadores, representando já cerca de 700.000, que vêm corajosamente denunciando o conluio do governo com o Capital.

» Foi, pois, todo o Povo, descontente, em luta que preparou o terreno para o êxito desta acção vitoriosa.
» Cabe-nos, então, prestar homenagem a todos aqueles, patriotas, soldados e civis que tornaram possível a Revolução do 25 de Abril.

» Curvamo-nos em especial perante todos aqueles que desapareceram, vítimas da tirania, sem verem o fim do regime odioso que acaba

de cair.

O Glorioso MFA, composto especialmente por capitães, jovens militares, oficiais subalternos e praças, derrubou o regime por todos os dias.

Homenageamos os méritos desta acção. Gratos estamos às Forças Armadas. Nunca mais nos esqueceremos!

Mas é preciso acrescentar que, no golpe militar vitorioso, o Povo também teve os seus méritos. Foi o Povo que abriu caminho e amadureceu as condições que tornaram possível o golpe militar. Há 48 anos que o nosso Povo luta contra a tirania. Há 48 anos que o Povo é torturado pela tirania.

Lado a lado com o MFA, devemos continuar o caminho que leve à eliminação da máquina fascista.

Dos milhares de agentes da PIDE em todo o País, foram presos escassas centenas. Muitos deles andam à solta. São criminosos. É preciso entrega-los ao MFA.

Também há outros membros de outras forças repressivas que procederam criminosamente contra a população; todos devem ser julgados, após se ter apurado o grau da sua responsabilidade.

Amigos!

Estamos em hora de contentamento, mas não devemos amolecer a nossa vigilância, para que o momento que vivemos não possa voltar atrás. Não mais prisões! Nem tortura! Nem Pide! Nem Legião! Nem polícia de choque! Nem cães polícia! Nem ANP! Nem censura! Nem pide!

Não estamos habituados a viver em liberdade. Ainda sentimos medo.

Ainda desconfiamos. Devem nos adaptar com rapidez a novos hábitos. A tristeza deve desaparecer dos nossos rostos! A amizade deve ser a base da nossa vivência.

»Todos, em especial os trabalhadores, temos de construir um Portugal Livre, Progressivo, Democrático.

Em 1926 as FA instauraram o fascismo; em 1974 as FA restauraram a democracia! Só que, em 1926 foi o sector mais reaccionário das FA e em 1974 são as camadas progressistas das FA.

Em 1926 foi instaurado o princípio de um longo período dramático. Em 1974 foi restaurada a democracia.

Vivemos um momento de glória! Devemos apoiar por todos os meios pontos justos para o Programa do MFA.

Sindicatos livres! Fazer deles verdadeiras organizações dos trabalhadores.

Direito à Greve! Esta deve ser praticada como arma de luta dos trabalhadores.

Extinção efectiva da PIDE!, da Legião Portuguesa, da ANP; de toda a máquina repressiva.

Abolição da censura! Os jornais, a rádio, a TV, toda a informação, toda a arte – não devem ter qualquer censura.

Reorganização e saneamento das FA!

Combate contra a corrupção!

Formação livre de associações políticas! Que não haja partidos clandestinos.

Luta contra a inflação! Paragem na subida dos preços, Aumento de salários para que o poder de compra da população aumente.

Feriado no dia 1º de Maio! Deve ser um dia de festa, de convívio, de homenagem, de viglância.

Tornar todas as colectividades verdadeiramente democráticas!

Fim de todos os monopólios! No fundo, os verdadeiros sustentáculos do fascismo.

E, para nós, como ponto mais importante – A guerra colonial deve

acabar!

Portugal não será um país livre enquanto oprimir outros povos!

Nos somos uma Pátria – Portugal! Os angolanos têm uma Pátria – Angola! Os moçambicanos – Moçambique! Os guineenses e cabo-verdianos – Guiné e Cabo Verde!

Glória ao MFA

Glória ao Movimento Democrático
Glória aos presos políticos que acabam de sair das cadeias.

Glória à juventude progressista
Glória a todas as mulheres
Glória à unidade entre todas as forças democráticas

Glória a todo o povo português
Viva Portugal! Viva a Democracia!

Alfredo Matos





A Minha Página de Abril

Quando, pela primeira vez, me falaram dela, já era “espigadota”. Tem um ar saudável, justo, diziam-me, parece que nasceu no campo. Outros, com ar mais sabedor, alegavam: veio ao mundo na cidade, parece que na periferia.

O certo é que fecundou num ventre pobre. Pode dizer-se que brotou da miséria, mas também do trabalho, duro, árduo, da luta, corpo a corpo, palavra a palavra, ideia sobre ideia. Cresceu nas perseguições, nas torturas, nas prisões.

Sabe-se que saía nos primeiros de Maio para voltar ao cárcere dias depois. E aí germinava, crescia.

A primeira vez que a vi foi numa sala cheia de gente, de gente escondida, sem rosto.

Lembro-me que tinha uma face séria, mas doce, um sorriso breve, por vezes repreensivo, mas era fascinante, impunha-se a quem se aproximava. A sua voz era serena e firme, o seu movimento ondulante, penetrava na nossa razão e depois albergava-se no nosso coração.

O tempo passava e, de quando em vez, recordava-me dela, isto é, obrigavam-me a recordá-la. Em casa, na aflição da vida, duas crianças para comer e educar, nos transportes porque eram caros, no emprego porque ganhava pouco, no sindicato porque queríamos transformá-lo para a defesa dos nossos interesses, no cheiro das ruas, porque eram nossas e lá nos juntávamos, assim de repente, e, depois, também de repente, tínhamos que desaparecer à frente da polícia.

Comecei a gostar dela. Éramos jovens e isso bastava.

Aquando da prisão injusta de um amigo, meu conterrâneo, encontrei-a na rua e um impulso irresistível levou-me a abraçá-la.

Não demorou muito que numa manhã ardente, acordasse sobressaltado e o meu primeiro pensamento tivesse ido para ela.

Decidido vou à cidade como muitos amantes dela fizeram, todos ao seu encontro.

Encontrei-a alegre, feliz, expansiva, num ou noutro momento ansiosa,

impaciente, desassossegada, mas sempre com um cativante brilho nos olhos, um sorriso muito mais alargado, de orelha a orelha, estas bem abertas para não perderem nada, a gritar bem alto, a distribuir cravos vermelhos aos milhares. E todos lhe davam vivas.

Estávamos em Abril e marcámos encontro para Maio, onde nos voltámos a encontrar.

Parece que já foi há muito, muito tempo.

Há dias encontrei-a, foi a 12 de Março, e para espanto meu, vejo-a jovem, vigorosa, serena, digna, séria, a cantar, a desfilar nas ruas do meu País, a gritar, a avisar: aqui estou eu, pronta, a cumprir-me.

É impressionante, comovente, a sua força.

Estou feliz por vê-la assim. É eterna a sua juventude.

Chama-se REVOLUÇÃO em Abril de 2011.

Nuno Soares



25 de Abril Distante!

História tão real que, 37 anos depois do evento político inesperado para muitos e previsto para tantos outros, os que a viveram, de alma e coração, recordam a viagem política com um misto de glorioso Investimento popular e de triste oportunidade perdida.

Era a história de Abril em Portugal, quando cravos vermelhos, numa época de brilhante acção popular, derramaram o odor das esperanças de um Povo massacrado.

Naquela madrugada, Armindo acordara sem o mais pequeno vislumbre, de que algo histórico se acumulava nas ruas da Capital. Levantara-se meio entorpecido. Na cozinha, prepara o pequeno-almoço e enquanto mastigava a torrada, ao som da balada de Zeca Afonso, apercebe-se de que diferente a voz da Emissora Nacional estava dos outros dias.

Algo indefinido irrompia do rádio. Àquela hora música de reconciliação cultural não era habitual, contrastava com as manhãs musicais repetidas.

À fábrica, chegara intrigado. O semblante inusitado dos companheiros de trabalho voltara do avesso a sua rotina diária. Acontecimentos de dimensão incalculável estavam a acontecer na Capital. Algo ainda desconhecido alvoroçava Lisboa. Rapidamente, tudo se esclarece e a boa nova chegara. Portugal acabava de se livrar do regime totalitário, retrógrado e nefasto para a vida nacional. Momento histórico, de que não fora capaz de avaliar a dimensão. Dia 25 de Abril, tinha-o como igual a tantos outros, afinal, os ingredientes políticos eram diferentes de tudo o que já vivera. Na fábrica, percebera a razão. A gestão popular dos acontecimentos, as minúcias e as grandes soluções

revolucionárias que detonaram em Lisboa foram chegando como rasto a todo o país e no Barreiro as ruas encheram-se de gente feliz. A Revolução de Abril tumultuara Lisboa e arredores, varrendo o regime de todo o território Nacional. Todo o mundo verteu espanto! Portugal com a sua Revolução chegara a todos os cantos do Planeta. De novo viajara por todos os continentes.

Armindo, operário na CUF, foi aprendiz, construiu edifícios fabris, afinou máquinas, produziu riqueza para a empresa ao longo de quarenta anos de trabalho, e se Abril não chegasse antes da sua aposentação, restar-lhe-ia o soporífero tinto na taberna onde vários outros reformados, antes da Revolução, alimentavam a ansiedade da vida aposentada. Abril chamou-o para a luta, integrando-se na família do novo país. Vira Abril rasgar os horizontes que o regime fechara ao



Povo Português. Vira as gentes oprimida expandir alegria e ultrapassar uma época de fanatismo corporativo. Abril trouxera na bagagem, a liberdade e a democracia limpa de ferrugem política do regime.

A liberdade emancipou a educação e a cultura, de onde Portugal partiu para tudo mudar.

O povo construía novo clima social, mas, sem tempo para restaurar imperfeições, descurou a retaguarda onde se escondiam os vencidos naquele ilustre 25 de Abril. A intromissão de potentados políticos nacionais e estrangeiros em setenta e cinco marcou o retrocesso.

O sonho laureado de cravos vermelhos teve dias clamorosos de luz brilhante, rapidamente obscurecido por entre a ingenuidade popular que, sem maturidade política, caiu na balada de “democratas” ilusionistas, e autocratas propagandistas de rituais promessas vazias.

Quem viveu Abril não terá dúvidas que, trinta e sete anos passados, a realidade de hoje é a consequência da sua morte planeada. Anos a fio de políticas retrógradas semearam

a desilusão e tornaram Portugal um lugar de pouca esperança. A decadência infiltrara-se pela mão dos partidos que tomaram o poder do Estado, empurrando o país para a catacumba económica. Degraui em degrau, descendo ao fundo dos buracos, político, económico e social, Portugal, a nação mais antiga da Europa, refém de projectos que apontavam o céu do progresso, é afinal vítima do dito “Mercado”, a nova máscara neoliberal do capitalismo selvagem. Prestes a ser Terra de outro dono. Portugal precisa de acordar e fazer nova viagem com novos timoneiros.

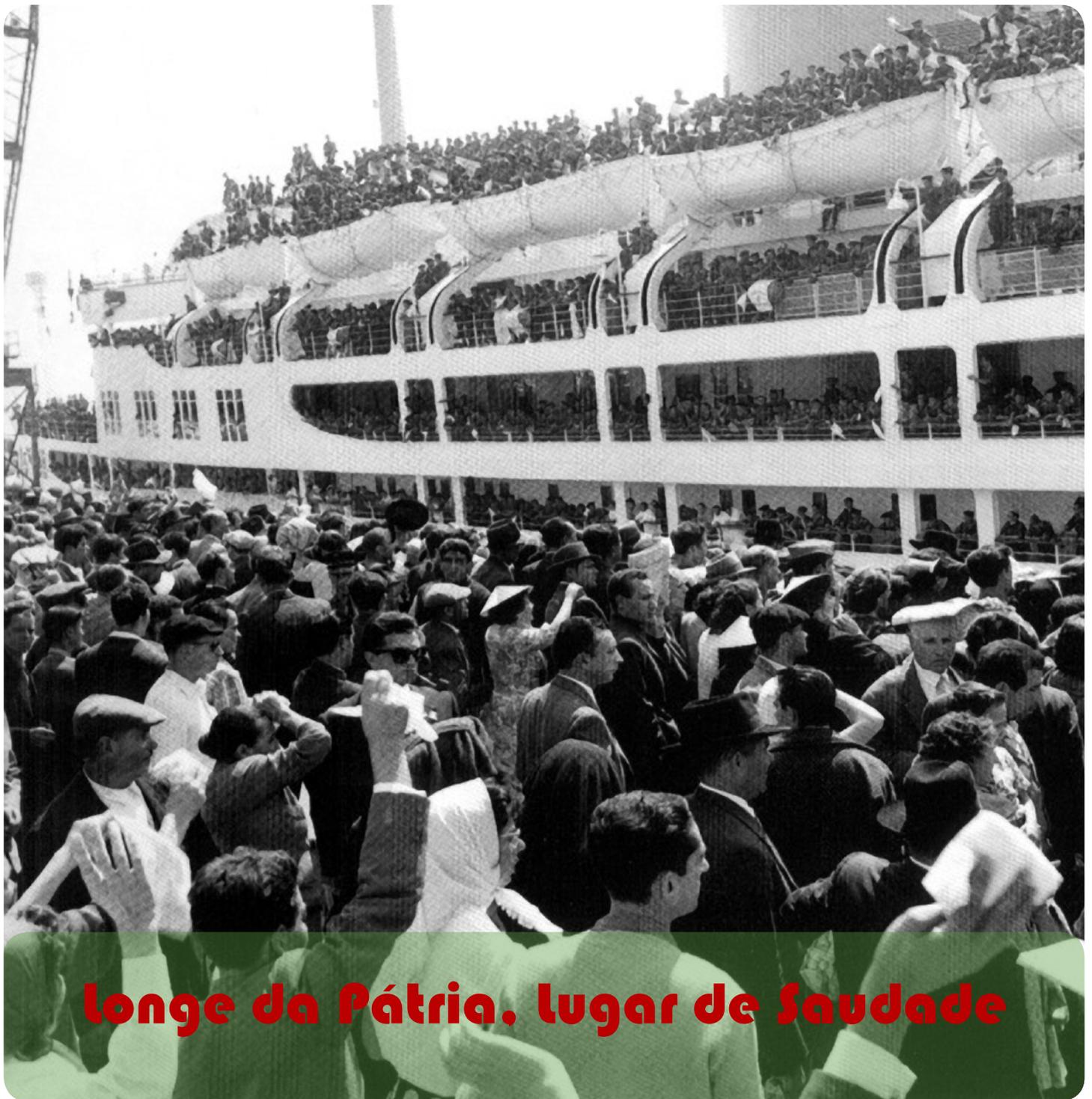
Que falhou então? Pergunta quem tem dúvidas! E a resposta deve ser procurada por cada português decepcionado. Que fazem o homem e a mulher que hoje carregam aos ombros os últimos trinta e sete anos de história desperdiçados e no presente apenas vêem um tempo tumultuoso à mercê do fantasma neoliberal.

As injustiças percorrem a epiderme da sociedade portuguesa, infectando feridas que políticas agressivas abriram, inviabilizando a terapêutica social para que Portugal sobrevi-

va como Estado independente e a sua história não se esfume no breu da pobreza.

Ameaças sociais fazem percurso diário pela voz de governantes caledados no logro político. O país não pode ficar refém da tragédia, um rebate de consciência nacional poderá alterar o rumo da Nação. Cabe a cada português olhar-se no espelho e perguntar à sua imagem - que tenho feito para evitar que o meu país se tornasse um inferno para milhares de portugueses? E uma pergunta se impõe. - Elegemos políticos, que algemaram o país, ou não elegemos? - Boa parte dos sofrendores tem sido o sustentáculo de comandos conservadores. A memória colectiva não pode ficar entorpecida, deixando que os mesmos permaneçam ou outros de igual estofos os substituam. Na linha do que significou a Revolução em 74, Abril não deixará de ser história real, atraído é verdade, mas um dia voltará a ser o destino de Portugal. Está nas mãos e na cabeça da nova geração que não é rasca dar a volta em todo este manancial de desmandos!

Carlos Alberto (Carló)



longe da Pátria. lugar de saudade

Restava a leitura. Ao menos trouxera livros em quantidade, uma mala cheia, para prevenir os tempos futuros, com muito tempo e sem futuro definido. A comissão na guerra colonial fora agravada para três anos.

Na partida do “Figo Maduro”, tivera a ajuda do camarada Constantino, rapaz simples e sem família por perto, que conhecera ali na sala de embarque. Na hora da despedida só lá estava a companheira como combinado:

- Serás sempre o homem da minha vida. Volta amor!

- Adeus querida companheira. Voltarei ! Cuida da filhinha.

-São casados há muito tempo ? - perguntava o soldado solitário, baixeiro e com sotaque serrano, já na fila para a saída:

- Há dois anos!...Já temos uma filhota.

-Ah! Pois...Vê-se que são muito chegados. Quer ajuda ? - um sorriso ingénuo mostrava a sua boa alma.

- Bom!...Essa mala está pesada. Está cheia de amigos !

- Amigos ?

- São livros !

*

Sete e meia da tarde, hora do noticiário do Rádio Clube de Moçambique. Notícias de conveniência mas sempre se percebe alguma coisa nas entrelinhas. Estranho, a música de circunstância prolonga-se e não é dada qualquer explicação.

-Teixeira ! Teixeira! O Valter diz para chegares à Oficina de Rádio.

Nos postos estrangeiros estão a

dar notícias de um golpe de estado em Lisboa !

Um salto do beliche superior, como sempre fazia quando de madrugada se ouvia um rebentamento por perto. Mas desta vez não era preciso levar a G3.

A ampla caserna tinha um aspecto soturno, com as dezenas de catres metálicos como único mobiliário, quase deserta àquela hora do rancho. Era a melhor altura para ler ou escrever, sentado no beliche, sem mosquitos a apoquentarem. Como escrever não tinha quem, com a companheira detida na prisão da PIDE/DGS em Caxias, restava a leitura, na circunstância da obra, do "Radicalismo Pequeno-Burguês de Fachada Socialista", uma edição Avante! na clandestinidade.

Na oficina de rádio sintonizava-se ora a BBC, ora uma emissora da África do Sul. O inglês dos circunstâncias era fraco, percebia-se "golpe militar", "general Spínola", "Marcelo Caetano", "Lisboa", "Largo do Carmo", e pouco mais :

-Será um golpe militar do Spínola? - questionava o Valter, razoavelmente informado do que se conspirava na Pátria distante.

-Ou da extrema direita militar !?... Não se ouve falar do movimento dos capitães! Vamos escutar mais um bocado.

Durou mais uma hora a dúvida e a angústia. Por fim, uma rádio da África do Sul começou a transmitir o despacho habitual de Lisboa, de Luís Pereira de Sousa, que o R.C. de Moçambique não transmitira : "No Largo do Carmo, o Movimento das Forças Armadas obrigou à deposição do poder e Marcelo Caetano foi acompanhado pelo general Spínola ao aeroporto, a caminho do exílio". Ouviam-se em fundo as rajadas de G3 à ordem do capitão Salgueiro Maia.

- É o Movimento de Capitães! É o Movimento de Capitães! - lágrimas, abraços, sorrisos.

Mais lágrimas no regresso à caserna, libertando um soluço cravado no peito há meses, anos, dé-

cadadas. O "Pedrógão" e o Silveira apareceram solícitos :

-Já sabe dos acontecimentos em Lisboa? Parabéns ! - gente boa e solidária, soldados do Portugal amadado, quebrando as grilhetas num abraço fraterno que o poeta registou:

" No fundo quem vai à guerra é aquele que a não faz! "

Nessa noite de 25 de Abril de 1974, em Nangade, Cabo Delgado, Moçambique, a milhares de quilómetros da Pátria, lugar de saudade, mais de duas dezenas de alferes milicianos, furriéis, soldados, deram-se os braços e cantaram, "Grândola vila morena, terra da fraternidade, o povo é quem mais ordena , dentro de ti ó cidade! "

O fascismo finalmente fora derubado. Agora era necessário acabar com a guerra !

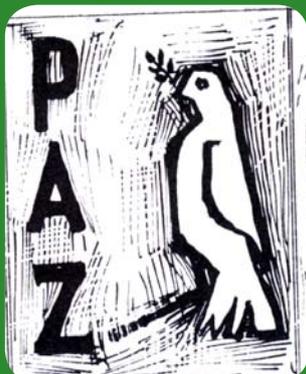
Armando Sousa Teixeira

(capítulo do livro : "Da Guerra Nunca se Volta", em preparação)





Gravuras usadas na luta contra o fascismo







O Dia 25 Abril de 1974 Duma Alentejana na Cidade

No dia 25 de Abril de 1974, tinha começado a trabalhar às 8 horas da manhã.

Aparentemente, era um dia igual a todos os outros.

No entanto, algo de estranho se passava, pois pairava no ar um silêncio pesado que se sentia na sala e se reflectia nos rostos fechados, na ausência de conversas, e nos ouvidos colados ao aparelho de rádio.

O telefone tocava incessantemente e as conversas mantidas com quem estava no outro lado do velho auscultador preto, eram quase em surdina, praticamente inaudíveis para quem estava ao lado.

Do rádio saíam frases, entoadas em tom solene e profundo: “Aqui, Movimento das Forças Armadas”, “Pede-se à população que se mantenha calma e ordeira, e que evitem sair de casa”.

As vozes da rádio calavam-se e eram substituídas pela canção do Paulo de Carvalho.

Na cabeça da jovem Alentejana, nem as vozes da rádio, nem as conversas em surdina, faziam qualquer sentido.

O que diabo se estaria a passar? Porquê tanto mistério? Porque é que ninguém saía de casa?

Durante toda a manhã o mistério permaneceu, denso, e a inquietação começou a revelar-se.

Com a curiosidade e a ingenuidade próprias dos 17 anos começaram as perguntas: “o que aconteceu?, porque é que não podemos sair de casa?”

A resposta era sempre a mesma: “está a acontecer uma revolução e é perigoso”.

“Perigoso porquê? O que é uma revolução? E, para estas perguntas não havia resposta.

À tarde, a curiosidade ultrapassou os medos do desconhecido, e a Alentejana saiu de casa e começou a andar em direcção aos jardins de Belém. Ao longo do trajecto, pela

Rua de Pedrouços, começou a ver as pessoas todas na Rua a andarem apressadamente, em todas as direcções, e, pormenor curioso, todas tinham na lapela do casaco, ou na mão um cravo vermelho.

A jovem Alentejana, que em cada dia se surpreendia com a cidade grande, tão diferente do mundo que até agora conhecera, foi ficando cada vez mais “afoita”, perdendo os medos e começou a reparar que as pessoas estavam alegres, não tinham ar de quem tem medo, e que, sem razão aparente, se cumprimentavam, abraçavam e riam, numa alegria que contrastava com os semblantes soturnos do dia anterior.

Era tudo tão diferente do dia anterior. Até parecia que estava no ambiente de aldeia, onde as pessoas se conheciam e falavam entre si.

Já era noite, mas as pessoas continuavam nas ruas, juntavam-se em pequenos grupos, e, nalguns casos, cantavam canções que eram desconhecidas, que nunca se ouviram no rádio.

Quando regressou a casa, foi surpreendida com uma pequena reunião.

O objectivo era explicar o significado do que estava a acontecer.

A informação, porém, não satisfazia minimamente a curiosidade daquela jovem.

Frases como: A situação é grave; Não sabemos o que vai resultar daqui; Pode estar para breve uma guerra civil, e outras deste tipo.

A alusão à greve civil fez acender de novo alguns receios, e vieram à memória as histórias contadas pelo avô Joaquim, antigo mineiro na Minas de S. Domingos, onde ele descrevia os horrores da guerra civil

Espanhola, período que vivera intensamente e durante o qual exercera a actividade de contrabandista, já que a mina nem sempre tinha trabalho.

Mas, as palavras não conseguiam travar aquele sentimento de euforia que sentira quando andara pela cidade, pois lembrava-se bem da expressão de felicidade que as pessoas tinham, horas antes.

O resto da noite foi passado a ouvir as notícias que o rádio transmitia, e a euforia foi crescendo.

Agora, começava a compreender as palavras que a mãe lhe tinha dito quando se despedira dela: “não fales com desconhecidos e mesmo com as pessoas que conheceres, não podes falar mal do Governo

(ela já sabia quem era o Governo, pois na aldeia havia uma televisão e falava o Sr. do Governo num programa que toda a aldeia se juntava para ver), podes ser presa”.

Ah bem, então era isso, a Revolução, significava que aquele Senhor do Governo de quem a mãe tinha medo, e que até parecia simpático na Televisão do vizinho Zé, afinal, já não mandava, e começou a perceber que agora, já não podia ser presa, mesmo que falasse mal do tal Governo.

E foi assim que uma jovem Alentejana passou o dia 25 de Abril de 1974, um dia que foi “o primeiro dia do resto da sua vida”.

Dulce Reis





Onde estavas no 25 de Abril de 1974?

A cumprir o serviço militar obrigatório (SMO), na 1ª Companhia de Instrução (CI) do Batalhão de Sapadores de Caminhos-de-ferro, no Entroncamento, como 1º. Cabo Miliciano da arma de engenharia e com a especialidade de mecânico de engenharia e material ferroviário.

Dos 29 meses de vida militar, 20 deles foram cumpridos no BSCF, no Entroncamento.

Assentei praça no Regimento de Infantaria nº. 7(RI7), em Leiria, onde durante um mês tive a prestar provas, transitei para o Regimento de Infantaria Nº.5 (RI5), no Curso de Sargentos Milicianos (CSM), onde terminei a recruta. Frequentei a especialidade de mecânico de engenharia e material ferroviário na Escola Prática de Serviço de Material (SPSM) em Sacavém.

Quando terminei a especialidade, e me apresentei no Batalhão de Sapadores de Caminhos-de-ferro, em Campo de Ourique (Sede do Bata-

lhão), levei logo a guia de marcha para o Quartel-general (QG), no Porto, e mais tarde transitei, como adido, para o Regimento de Cavalaria Nº.6 (RG6), para frequentar o estágio de locomotivas a vapor de via estreita na linha da Póvoa e nas Oficinas da Boavista.

Este estágio tinha em vista a mobilização para os Caminhos de Ferro de Benguela, mas felizmente não fui mobilizado, já a mesma sorte não tiveram os recrutas (fogueiros), aos quais dei formação, que acabaram por ser mobilizados para essa linha de África.

Voltando ao 25 de Abril de 1974, mais propriamente ao 24 de Abril, como sempre na CI/BSCF, o render da parada era às 10 horas, entrei de serviço como Sargento de Dia, Piquete e da Guarda, por falta de efectivos acumulávamos às três funções. Lembro-me perfeitamente, por volta das 16 horas, o Comandante, que era Capitão de engenharia, dizer-me “Tavares, vou estar presente no recolher às 22

horas”, fiquei admirado, uma vez que não era normal o Comandante estar presente a essa hora no Quartel porque morava em Vila Nova da Barquinha, mas apenas o Oficial de dia.

Chegou a hora, e o Comandante lá estava, depois da formalidade transmitiu a seguinte mensagem “É necessário alguma atenção durante a noite, porque o Quartel pode entrar de prevenção rigorosa”, e foi à vida dele.

Cerca das 4 horas, do dia 25 de Abril, estava a descansar quando o Oficial de Dia bateu à porta do quarto da casa da guarda e disse “Tavares, está haver problemas lá para Lisboa”, ao qual respondi “Meu Alferes, até chegar ao Entroncamento ainda falta muito”, era a mensagem do Quartel-general da Região Militar de Tomar para o Quartel entrar de Prevenção.

Entretanto, foi seguindo com atenção o desenrolar dos acontecimentos num pequeno rádio a pilhas.

A única diferença no normal funcionamento, é que o portão da Porta de Armas estava fechado e ninguém podia ausentar-se do Quartel.

Comecei a refletir na mensagem do Comandante, e era um sinal de que pertencia ao Movimento dos Capitães de Abril!

Pode dizer-se que a CI/BSCF no Entroncamento era um Quartel misto: tinha uma zona militar e outra de agro-pecuária. O seu efectivo era de cerca de 70 a 80 militares, e a maioria do pessoal do SMO era oriundos da CP. Os Oficiais eram normalmente engenheiros, e os Sargentos e

Praças pertenciam aos Grupos Oficiais de Barreiro, Entroncamento e Porto-Campanhã.

As principais especialidades eram: Assentadores de Via, Mecânicos de Material Ferroviário e Fogueiros.

Para além dos acesos rodoviários, tinha uma linha férrea a ligar ao parque de agulhas da estação de Entroncamento, onde, por vezes, circulava uma dresine pertença do Batalhão.

Para finalizar, no dia 25 de Abril de 1974, o sentido dos Camaradas de Armas era de esperança num fu-

turo melhor e, principalmente, de que já não existia o perigo de ser mobilizados para as ex-províncias ultramarinas para combater os nossos irmãos, numa guerra sem nexos e desprovido de qualquer sentido que infelizmente matou e mutilou muita juventude.

Felizmente, o 25 de Abril de 1974, mais que não fosse, serviu para que as novas gerações não viessem a sofrer o que as anteriores, e minha, sofreram com a perda de familiares e amigos.

Frederico Tavares





25 Abril

O que me recordo do dia 25 de Abril de 1974 não é muito.

Tinha perto de três anos, e lembro-me de ter passado o dia na janela da casa da minha avó na Rua Miguel Pais, enquanto observava muita gente feliz a passar na rua dando vivas ao que estava a acontecer e sempre com um grande sorriso nos lábios.

Passados uns dias recordo me de ter ido fazer umas pinturas no muro das Oficinas da CP no Barreiro, e, de ter feito um grande Borrão Vermelho nesse mesmo muro, uma jovem perguntou-me o que tinha desenhado e eu respondi-lhe: - Um barco! Tenho bem presente essa memória, e de serem dezenas, talvez centenas de crianças que em liberdade pintámos um grande mural colecti-

vo ali na Avenida da República.

Com o passar dos anos fui sempre passando junto ao muro da CP, e sempre ia identificando o meu “barco” naquela obra, mas também ao mesmo tempo essas pinturas de esperança foram desaparecendo enquanto as portas que Abril abriu também foram sendo fechadas.

Recordo-me também de passar no Terreiro do Paço e ver o Edifício da Bolsa de Valores sempre fechado, enquanto me explicavam que esse espaço já não funcionava e que era coisa do passado fascista. E assim lá fui passando ao longo do tempo, olhando sempre para aquele edifício que eu considerava bonito, mas que já não servia e não existia. Infelizmente, anos passados verifiquei que esse “passado” da bolsa tinha regressado e hoje na situação que

vivemos verificamos que é uma grande causa do sofrimento que vivemos.

Os anos foram passando e Abril foi-se desvanecendo, comemoramos sempre essa data com fervor, alegria e esperança pois de facto trouxe muitas conquistas e liberdade ao nosso Povo, mas a Sociedade está cada vez mais afastada dos seus ideais.

Hoje vivemos uma situação em que é urgente uma ruptura, uma mudança, vivemos num tempo em que cada vez mais urge a construção de um Abril Novo que devolva a esperança, a alegria e a força de viver ao povo português.

Nuno Miguel Ferreira



